



Experiência de trabalho na fazenda “Artigos da Terra”. Em Itirapina-SP *Work experience on the farm "Artigos da Terra". In Itirapina-SP*

SILVA, Wellington Martins da
UFPR Litoral, wellington.martins.silva@hotmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo temático: Manejo de Agroecossistemas

Resumo: Este relato de experiência aborda o manejo realizado na fazenda Artigos da Terra, localizada em Itirapina, interior de São Paulo, durante o período que trabalhei como retireiro, com carteira assinada, de agosto de 2019 a janeiro de 2021. O relato inclui observações e conversas com proprietários sobre a forma de restauração utilizada para o cerrado, a mata ciliar e a nascente com a criação animal, que se iniciou nos anos 80.

Palavras-Chave: Regeneração, Transição agroecológica, bem-estar animal.

Contexto

Meu nome é Wellington Martins da Silva, nasci em Cambé, mas cresci em Londrina/Paraná. Trabalhando desde a adolescência na cidade, busquei outras experiências que me trouxessem algum sentido na vida, com 21 anos me mudei de cidade e sempre trabalhei muito para sobreviver. Até que um dia descobri que gostava de estar em meio à natureza, então comecei a fazer voluntariados em sítios, sempre procurando mais conhecimento na área da agroecologia (mesmo ainda não conhecendo o termo, necessariamente), procurei livros e vídeos que me fizessem entender melhor esse universo. Certo dia, conversando com um amigo sobre a minha busca de um trabalho no campo, ele disse que sua família precisava de um retireiro, que no caso eu iria cuidar do gado, tirar leite e todas as outras tarefas que o tema engloba. Aceitei, sem muito saber o que iria fazer, cheguei com pouco dinheiro, então não poderia voltar atrás tão cedo. Assim, iniciei meus trabalhos aprendendo tudo do zero, até que certo dia fui registrado com carteira assinada como “trabalhador rural”.

Quero contar essa história pois as práticas utilizadas desde os anos 80 nessa fazenda foram de intenção para bem-estar animal, leite orgânico e cuidados com a mata ciliar, nascente e cerrado. Antes dos proprietários comprarem o espaço, era apenas monocultivo de cana-de-açúcar, sendo um espaço com terra ácida, improdutivo e, no período que estive de 2019 até 2021, já havia um vasto cerrado, mata-ciliar mais abundante, maior coleta de água da nascente, vegetação recuperada e etc. A fazenda fica em Itirapina-SP, entre São Carlos e Rio Claro. Os proprietários são um casal de idosos e professores, porém, quem reside e cuida até então é o filho do casal, professor de escola pública que mora no local há cerca de 30 anos, idealizando, projetando e cuidando de afazeres relacionados à nascente, mata ciliar, roda d'água, ração e outros. Contando com a ajuda de um funcionário/a



que exerce o papel de retireiro sozinho/a, ou com a sua família. A fazenda possui três acessos, um que passa pela nascente, outro que chega direto ao curral e último que dá acesso a casa dos proprietários e agrofloresta, ambos estão de 8 km a 10 km de estrada de terra da cidade. A área total da propriedade chega a 113 hectares, tendo aproximadamente uma área com culturas introduzidas de 35 hectares.

O objetivo de produção é gerar renda, de forma ecológica e sem danos à natureza, embora dificultoso pela falta de mão de obra, certificação e circuitos curtos para comercialização. Para certificar o leite era exigido uma série de investimentos para os quais os proprietários não possuíam capital suficiente para arcar. Em alguns períodos, a propriedade gerou renda suficiente para tais investimentos, em outros momentos foi necessário investimento externo dos proprietários. No início do projeto investiu-se na infraestrutura da propriedade, porém, atualmente não há tanto dinheiro para grandes gastos, portanto se torna inviável construções necessárias para a certificação de orgânico, fazendo com que seja feito de forma lenta de acordo com o dinheiro que vai entrando. Os produtos comercializados são leite *in natura* e doce de leite, sendo o leite não pasteurizado vendido para sorveteria local e doce de leite em venda direta ao consumidor. A venda ao laticínio era mantida durante o ano, contudo, era inviável economicamente em função do preço pago pelo litro de leite. No verão a produção aumentava e muitas vezes não havia formas de escoar todo esse produto, então a venda ao laticínio era mantida para não haver perda de produtos. Também é comercializado hidromel (fermentado de mel), doce de goiaba, barbatimão, cultivos da agrofloresta como laranja, abacate, pimenta, banana ou extrações que havia na propriedade direto ao consumidor.

Meu trabalho de rotina era como Retireiro, sendo assim, tirar leite de vaca de segunda a sábado, além dos cuidados com cercas, limpeza do espaço por inteiro (bezerreiro, bebedouros, resfriador, baia, cocho, sala de ordenha e outros), roçada de capim para alimentação dos bezerros no inverno, capim para composto, roçada de capim para o bezerreiro, cuidar de vazamentos de canos dos bebedouros, controlar formigas, trocar piquete, além dos cuidados e afazeres domésticos e reparos da casa. Às vezes ajudava na roda d'água e entrega do leite também.

Me parece necessário destacar que esta experiência foi um divisor de águas na minha trajetória. Até então, eu havia trabalhado na cidade como motorista de aplicativo, bartender, garçom, e trabalhado em diversas outras ocupações. Naquela época eu tinha tido experiências pontuais com trabalhos que envolvem o campo e agroecologia de algum modo, eu havia sido voluntário em viveiros, projetos de permacultura e bioconstrução, e morei durante dois anos numa região de mata densa em Florianópolis, onde pude aprender a partir da observação da natureza. Contudo, a experiência que eu tive nesta propriedade, morando no campo, convivendo cotidianamente com uma floresta em regeneração e com os animais que lá viviam, fez com que eu ampliasse a minha visão, e buscasse me aproximar ainda mais da agroecologia.

Descrição da Experiência



Inicialmente era monocultivo de cana-de-açúcar, após a compra do terreno e um tempo de pousio observou-se uma predominância de braquiária (*Brachiaria*) em todo espaço, tornando inviável produzir outras culturas devido à baixa fertilidade do solo, pouca mão de obra para um vasto território. Entretanto, imprescindível a criação animal neste contexto, tornando necessário a ruminância bovina para controlar o crescimento dominante do capim e depositar matéria orgânica no solo empobrecido.

Por conseguinte, começou-se a captação de água da nascente, sendo para consumo próprio e também aos bebedouros do gado. Trabalho extremamente dificultoso, já que o rio se localiza em baixada da propriedade, tendo que fazer o esforço da água subir com a roda d'água para diminuir gastos de energia elétrica.

O proprietário isolou a mata ciliar com cerca para o gado não ter acesso ao rio e degradar a floresta, sendo assim, a área foi se regenerando e tomando mais espaço a vegetação. A área foi dividida em grandes piquetes, então era feita a rotação de piquetes conforme necessário. Nessa primeira área (próximo ao rio), nos anos 80 havia algumas goiabeiras, poucas árvores e baixa fertilidade do solo. Em 2021 se encontravam cerca de 1000 pés de goiaba, grande abundância de árvores nativas do cerrado e solo com maior teor de matéria orgânica, sendo a maioria das culturas espontâneas como Angico (*Anadenanthera macrocarpa*), Barbatimão (*Stryphnodendron obovatum Benth*), Pau-Ferro (*Libidibia ferrea*), Pau-Jacaré (*Piptadenia gonoacantha*), Pimenta-de-macaco (*Xylopia aromatica*), peito-de-pombo (*Tapirira guianensis*), Arranha-gato (*Acacia plumosa*), Caraguatá (*Bromelia pinguin*), Jerivá (*Syagrus romanzoffiana*), Pata-de-vaca (*Bauhinia variegata*), Assapeixe (*Vernonia polysphaera*), Vassourinha (*Scoparia dulcis*), Aroeira (*Schinus terebinthifolia*) e algumas outras introduzidas, como Guapuruvu (*Schizolobium parahyba*), Goiaba (*Psidium guajava*), Abacate (*Persea americana*), Limão (*Citrus limon*), Abacaxi (*Ananas comosus*), Feijão Guandu (*Cajanus cajan*), Banana (*Musa*), Erva-Cidreira (*Melissa officinalis*), Boldo (*Peumus boldus*), Trapoeraba (*Commelia benghalensis L.*), Mucuna-Preta (*Mucuna*), Eucalipto (*Eucalyptus*), Cica (*Cycas revoluta*), Amora-Preta (*Morus alba*), Bambú (*Bambusoideae*), Jabuticaba (*Plinia cauliflora*), Café (*Coffea*), Cabeludinha (*Myrciaria glazioviana*), Jambo (*Syzygium jambos*), Margaridão (*Sphagneticola trilobata*), Figo (*Ficus carica*), Batata-Doce (*Ipomoea batatas*), Mandioca (*Manihot esculenta*) e outros. Observou-se também maior presença de animais silvestres, como veado, pássaros, onças e outros. Com o decorrer do tempo, a erosão de areia que descia para o rio foi diminuindo conforme a vegetação da mata ciliar aumentava.

As vacas eram rotacionadas nessas áreas que estavam sendo recuperadas periodicamente, conforme o tamanho da braquiária, ajudando assim no controle do capim e evitando que cobrissem as culturas que vinham a crescer, tanto as espontâneas como as introduzidas. Elas também se alimentavam de vegetações no local, como a Pata de Vaca (*Bauhinia variegata*), Goiaba (*Psidium guajava*) e outros. As árvores traziam maior abundância nutricional para os animais e também



bem-estar relacionado à sensação térmica, além de ter criação de abelha no local, pelo qual elas pastavam por toda essa riqueza de vegetação.

A quantidade de animais por hectare sempre foi baixa, possibilitando com que a recuperação do solo fosse possível trazendo a matéria orgânica por meio da urina e fezes, baixo pisoteio por haver poucas vacas no piquete e a necessidade de pouca ração externa por causa da abundância de capim. Em outros anos foram plantadas capineiras para a confecção de silagem dentro da propriedade, porém no período em que estive trabalhando isso não foi feito, devido à falta de mão de obra e dinheiro para realização.

Resultados

Os resultados alcançados nessa propriedade são de suma importância para a agroecologia, pois transitou do monocultivo de cana-de-açúcar com agrotóxico para uma área com vegetação nativa e junto a isso produção de leite, além de, proporcionar bem-estar animal, cobertura de solo, matéria orgânica, preservação e recuperação das nascentes, recuperação de cerrado, aumento do número de animais silvestres no ambiente, melhoramento do ar, sensação térmica, saúde das plantas, animais e pessoas no local. Tudo isso a partir de conhecimentos empíricos e também teóricos, com princípios de agroecologia permeados pelos dizeres de Ana Primavesi (2003) sobre o solo, planta e animal.

Essa experiência me trouxe muito conhecimento sobre criação animal, cuidados com a natureza, técnicas e práticas de manejo rural, além de estar sozinho na maior parte do tempo, e ter que lidar com meus anseios pessoais e dificuldades de adaptação. Entendi os desafios de trabalhar com leite, devido ao baixo valor de mercado, poucas políticas públicas de incentivo à produção ecológico, no qual muitos preferem comprar no mercado pois é mais prático. Outro fator dificultoso no manejo de criação animal é o árduo trabalho de todos os dias.

Trago imagens das áreas a partir do ano de 2007 em que podemos ter uma noção de como a mudança é gritante, passou de um deserto degradado a uma grande diversidade vegetal e animal (Imagem 1 e Imagem 2). Os princípios foram utilizados de forma empírica, porém segue muito o que é relatado sobre Pastoreiro Racional Voisin (PRV), que se baseia em repouso, a ocupação, o rendimento máximo e rendimento regular (MACHADO, 2013).

Dentro de um agroecossistema, a criação de bovinos pode ser bastante benéfica, auxiliando na ciclagem de nutrientes, e no acréscimo de matéria orgânica que é depositada no solo com o dejetos dos animais. Além de ajudar a nutrir os solos, a produção de carne e derivados, de forma ecológica, tem um papel importante na cultura alimentar daquela região, e traz alternativas viáveis de produção de alimentos de forma sustentável. (ARAÚJO, 2017).

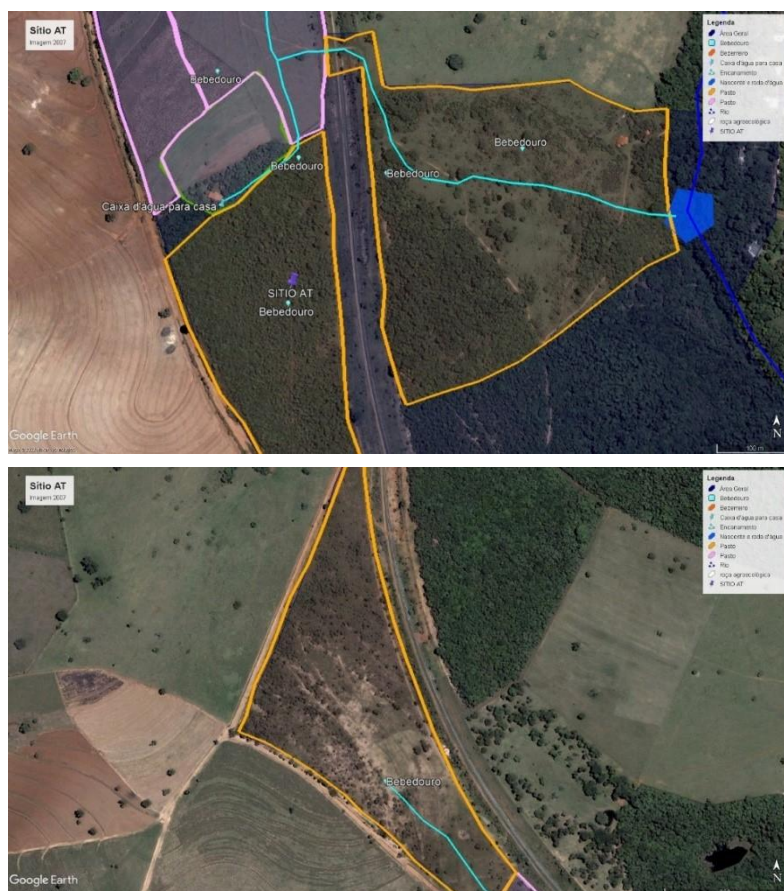


IMAGEM 1: Vista aérea da propriedade em 2007. Imagem tirada por satélite em 2007. Fonte: Google Earth, novembro/2022.



